

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

TEMPESTADE NOS ANDES: A QUESTÃO AGRÁRIA E O INDIGENISMO REVOLUCIONÁRIO NOS ESCRITOS DA REVISTA AMAUTA (1926-1930)

Luiz Felipe de Oliveira
Mestrando em História – PUC-SP
luiz95oli@outlook.com

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é introduzir alguns aspectos da pesquisa que tenho desenvolvido no mestrado. A pesquisa em questão visa resgatar a centralidade atribuída ao *indigenismo revolucionário* pela *Revista Amauta*, que tinha como finalidade a construção de uma outra sociabilidade que não a capitalista. Essa nova sociabilidade seria elaborada através da luta pelo socialismo tendo como seu eixo central o resgate da cultura da sociedade incaica. Abordaremos, neste texto, o surgimento da revista ante um contexto histórico-cultural específico e o projeto intelectual de seu idealizador e diretor.

A *Revista Amauta*, que veio a público no mês de setembro do ano de 1926, em Lima, teve uma influência e difusão continental que se constituiu devido a seu caráter inovador para a época.

Seu idealizador, José Carlos Mariátegui (1894-1930), considerado um dos maiores expoentes do marxismo latino-americano, possuindo uma vasta experiência editorial e atuando nos jornais *La Prensa*, *El tiempo*, *Nuestra Época*, *La Razón*,¹ fundou, em 1925, junto a seu irmão, a *Imprenta y Editorial Minerva*, uma editora cujo objetivo foi o de articular uma rede cultural na América Latina, acompanhando um movimento semelhante em curso em vários países latino-americanos.²

Tal empreendimento possibilitou, em termos materiais, o nascimento de *Amauta*. O periódico visava reunir diversos segmentos da vanguarda peruana e latino-americana, de modo a estabelecer uma nova hegemonia intelectual cuja atuação não se esgotasse em

¹ São diversas as obras que tratam da experiência editorial de Mariátegui. Tomamos como referência principalmente o trabalho de Ana Torres Terrones (2017) e Leila Escorsim (2006).

² Para a discussão acerca da periodização do surgimento das vanguardas na América Latina, ver Jorge Schwartz (2008).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

meras elaborações teóricas, mas criasse intervenções práticas na realidade peruana que promovessem um horizonte revolucionário.

Os temas tratados em suas páginas articulavam questões sobre arte, política, cultura e economia e suas edições reuniam diversos autores, como os peruanos Victor Raul Haya de La Torre (1895-1979), Jorge Basadre(1903-1980), Luis Valcárcel (1891-1987), além de nomes internacionais como Jorge Luis Borges (1899-1986), Alfredo Palacios (1878-1965), Gabriela Mistral (1889-1957), Vladimir Lenin (1870-1924), Sigmund Freud (1856-1939), José Ortega y Gasset (1883-1955), Miguel de Unamuno (1864-1936) e outros.

Um dos temas centrais da revista foi a configuração de um *indigenismo revolucionário*³ (BEIGEL, 2001) que, como aponta o historiador José Luis Rénique, “era parte do ‘substrato revolucionário emergente’, a fonte emissora dos ‘mitos mobilizadores’ do futuro ressurgimento indígena” (2009, p.52-3). Os indígenas deveriam trilhar, para esses indigenistas, a “marcha revolucionária” rumo ao socialismo peruano.

A revista traduz, em larga escala, o plano de Mariátegui que consistia em buscar a inserção do Peru em um outro projeto de modernidade, este sim considerado revolucionário e em contraposição àquele projeto oficial. Uma das grandes contribuições de Mariátegui, como mentor da *Amauta* foi, ainda de acordo com Schwartz, “vincular a preocupação indigenista [...] à ideologia marxista assumida, mantendo-se sempre receptivo às questões estéticas das vanguardas peruana e internacional” (2008, p.323). E, apesar da apresentação da revista indicar que a *Amauta* não era uma tribuna livre, Schwartz indica que ela sempre esteve aberta a discussões. Essa atuação incessante de Mariátegui levará os historiadores que estudam a revista afirmarem que é impossível dissociar a revista da personalidade de seu fundador (SCHWARTZ, 2008).

Por surgir em um contexto de amplas transformações sociais, ao analisar a *Revista Amauta* é importante recuperar a ideia expressa por Daniel Morán de que toda sociedade, em seu desenvolvimento histórico, expressa suas “manifestaciones e ideas fundamentales en algún tipo de testimonio o evidencia que nos ha permitido apreciar su forma de vida,

³ A denominação indigenismo revolucionário será empregada para tratar do indigenismo que é gestado nas páginas da *Revista Amauta*, uma vez que o termo “revolucionário” é empregado pelos próprios expoentes para delimitar suas práticas e ideias políticas e sociais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sus relaciones de poder” (2008, p.230). A Amauta figura justamente como um documento que manifesta as transformações sociais de seu tempo.

A revista nasce em um momento no qual as principais características do processo histórico que se desenvolve entre os anos de 1895 e 1930 se condensam. Frequentemente este período histórico é compreendido, pela historiografia, como momento de inserção do Peru como economia dependente do capital monopolista britânico e, posteriormente, estado-unidense (KLARÉN, 2013). É um período marcado pela agudização das contradições sociais, pela guerra, pela violência e o crescimento do imperialismo estado-unidense, temas que estão presentes em todas as edições da revista. É também marcado pelo surgimento de intelectuais que buscavam a valorização da população indígena e a integração destas em seus projetos políticos, fossem reformistas ou revolucionários.

INTELECTUAIS, PERIODISMO E INDIGENISMO

O estudo do pensamento indigenista enquanto um conjunto de discursos que produz conhecimentos e concepções acerca das populações indígenas incorre em diversas questões que são cruciais para compreender a dinâmica histórica e cultural latino-americana. Uma das inquietações que Bernardo Berdichewsky (1987) destaca, no seu estudo sobre o surgimento de uma ideologia indígena na região que ele denomina de andino-américa, é que se há a existência de uma “questão indígena”, ela se deve ao processo histórico desencadeado desde a colonização, que é marcado pela violência física, econômica e cultural exercida sobre estas populações. A invasão europeia nas Américas além de provocar a destruição das estruturas das civilizações locais, promoveu “un contínuo genocídio o etnocidio” (1987, p.26). Berdichewsky indica que esse processo é marcado não só pela expropriação das terras indígenas, mas também pela construção de um discurso que busca a desculturação dessas populações, de maneira a deslegitimar seus valores culturais e históricos.

Observa-se, portanto, que a ideologia expressa pelas classes dominantes enxerga o indígena através de uma visão colonizada de mundo. No final do século XIX começa a ocorrer uma mudança de postura por parte dos intelectuais acerca da ‘questão indígena’. O Peru, durante este período, passou por um período de efervescência intelectual no qual outras vozes começam a ocupar as revistas, os jornais, as livrarias e cafés. Desde

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

González Prada, à Dora Mayer, Valcárcel, Mariátegui, são diversos os posicionamentos destes intelectuais.

É importante recordar também que as novas dinâmicas sociais que se impuseram no início do século XX alavancaram a produção de jornais e revistas no país que, entre os anos de 1918 e 1929, viu o número de publicações disparar atingindo, em 1929, a mais de 400 periódicos ativos (DESTUA; RÉNIQUE, 1986). Um panorama do desenvolvimento da imprensa peruana e dos grupos intelectuais que a compunha encontra-se no doutoramento do sociólogo Deni Ireneu Alfaro Rubbo (2018), que tece suas considerações baseado em uma rica bibliografia sobre o periodismo no Peru.

O autor mostra que a maior parte das publicações dos jornais e revistas tinham um conteúdo político e informativo, ainda que houvesse outras tendências em crescimento, como as revistas literárias e artísticas. As inovações técnicas que foram empregadas na época, como a introdução da máquina rotativa e os primeiros linotipos, levaram o jornalismo adquirir um aspecto industrial de produção.

É nesse sentido que o sociólogo afirma que “o jornalismo se transforma em um espaço de produção e circulação estrategicamente importante para vocalizar interesses de grupos econômicos e das classes sociais favorecidas” (RUBBO, 2018, p.51), de modo que grandes empresas e comerciantes bancam publicidades e propagandas que geram receitas para os jornais.

O desenvolvimento da difusão intelectual e o surgimento de consumidores no âmbito cultural, como destaca José Destua e José Luis Rénique, “suponía un aumento en la tasa de alfabetización del país, em el crecimiento de los alunos de las escuelas y de los estudiantes universitários, a la vez que de los maestros” (1986, p.9). Destua e Rénique (1986) indicam que se em 1902 havia cerca 991 alunos matriculados em universidades, no Peru, em 1930 esse número atingia a 2984 alunos. Nas chamadas Escolas Normais, em 1906 encontram-se matriculados 142 alunos, enquanto em 1930 essa cifra chega em 1610 alunos matriculados. É evidente, no entanto, que apesar dessa tendência, o percentual da população sem acesso ao ensino é ainda muito superior ao percentual da população que possui vínculos com instituições formais de ensino.

O crescimento da população universitária, de acordo com os autores, indica também a expansão da classe média nesse momento da história peruana, principalmente

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a partir de 1919 com o projeto da *Pátria Nova* de Augusto B. Leguía. A indústria editorial passa a fomentar projetos que atendessem às diversas demandas desse público que entrava em cena, que ia desde boletins de notícias a revistas culturais, literárias e especializadas. Assim, Deni Rubbo afirma que:

Durante o primeiro terço do século XX, o crescimento dos setores médios urbanos proporcionou um *boom* educativo que se expressou na abertura de livrarias e editoras, no aumento da população universitária e no florescimento de periódicos entre 1918 e 1928. As manifestações desse campo foram ampliadas e enriquecidas através de vários empreendimentos cuja tônica era o problema nacional. (2018, p.54)

O autor atesta também a importância das transformações culturais que ocorriam concomitantemente a esse processo na capital Lima, como por exemplo, a inauguração do Teatro Forero, em 1920, cujo palco recebeu espetáculos que teciam críticas ao papel desempenhado pelos Estados Unidos na economia peruana.

JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI E A REVISTA AMAUTA: O INDIGENISMO EM PAUTA

José Carlos Mariátegui (1894-1930) surge no seio dessa geração, atuando na área do jornalismo como meio de prover seus rendimentos básicos e como forma de se articular com uma rede de intelectuais que se estabelecia no Peru. É importante notar que a vida e obra de Mariátegui são construídas durante um período de grandes transformações na história peruana. Leila Escorsim destaca, na biografia que escreve sobre Mariátegui, que:

A existência de Mariátegui coincide com o período histórico no qual a condensação das características da particularidade peruana, continuadoras da estrutura colonial que não foi rompida com a Independência (1821) e a República (1827), chega a seu extremo e começa a experimentar as transformações das quais emergiria o que Quijano chamou de ‘Peru moderno’, pós-crise de 1929. De fato, entre o nascimento e a morte de Mariátegui, o processo histórico peruano registra o apogeu e a crise do civilismo, projeto inconcluso de hegemonia burguesa, bem como o seu desfecho, na ditadura de Leguía. (ESCORSIM, 2006, p.16)

Mariátegui encontra-se intrincado nessa rede de processos históricos que estavam em marcha, de modo que sua obra expressa essas contradições que se impunham em seu presente. Ao traçar as linhas gerais que marcam o pensamento dos intelectuais peruanos, André Kaysel recupera a ideia expressa por Patrícia Funes de que “os anos 20 devem ser lidos como um momento crucial de transição em que, de um lado, a velha ordem liberal-

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

oligárquica encontrava-se em crise e, de outro, as respostas a essa crise começavam a se delinear” (KAYSEL, 2012, p.81). É neste cenário intelectual que desponta o pensamento e ação política de Mariátegui.

Como expressa Leila Escorsim (2006), pode-se observar dois momentos na trajetória de Mariátegui. O primeiro, caracterizado pelo próprio autor como *Idade da Pedra*, vai até 1919, data de seu exílio para Europa, e o segundo o de seu retorno para o Peru até o final da sua vida, caracterizado como *Idade da revolução*. Apesar da divisão formal, podemos observar uma continuidade no pensamento de Mariátegui após sua inflexão socialista, pois, as análises que ele efetua da realidade peruana apresentam um marxismo original, abarcando novas tendências como a questão indígena.

Após seu retorno da Europa, Mariátegui encontra-se focado em criar um periódico no qual ele pudesse expressar suas ideias e articular seu projeto cultural e político que analisaremos adiante. O passo fundamental para realização de seus projetos foi a fundação, junto com seu irmão Júlio César, da empresa Editorial Minerva no ano de 1925. A criação de uma editora forneceu as bases materiais para a publicação de livros e revistas. Leila Escorsim indica que “a criação de uma casa editora vinha acoplada à criação de uma livraria, para garantir uma comercialização adequada de sua produção e de uma empresa gráfica apta também a prestar serviços para outras editoras” (2006, p.197). A atuação de Mariátegui através editora foi incessante e crucial para ele se firmar no cenário intelectual peruano como organizador do campo cultural. É nesse contexto que ele cria a *Revista Amauta*, em 1926.

A *Amauta* surge como “uma iniciativa que se preocupa, como tantas vezes reiterada, em mapear, estudar e diagnosticar a realidade peruana (e, por extensão, a latino-americana)” (RUBBO, 2018, p.114). Desde seu retorno da Europa, a ideia de criar uma revista que reunisse as vozes de sua geração, a “vanguarda” peruana e latino-americana, estava presente em Mariátegui. Ainda que esse empreendimento tenha sido de caráter coletivo, por ter amadurecido durante as tertúlias que ocorriam na residência de Mariátegui, Leila Escorsim indica que a personalidade de Mariátegui marcou profundamente a revista. A ideia inicial de Mariátegui, como relata Escorsim, era criar uma revista cujo nome era *Vanguardia*, porém, seja por seu amadurecimento intelectual ou seja pelas discussões que ocorriam nas tertúlias em sua residência, decidiu-se nomear

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a revista como *Amauta*, que, na língua quéchua significa “sábio”. Mariátegui passaria também a ser conhecido como *o Amauta*, alcunha adotada tanto pelas pessoas que se relacionaram com ele quanto por historiadores que se debruçaram em sua obra.

Podemos observar, dessa forma, que a *Revista Amauta* não é um acaso na vida de Mariátegui: é parte integrante de seu projeto de organização cultural. Constata-se, portanto, que:

As práticas coletivas e aspectos programáticos que acompanharam grande parte da trajetória de Mariátegui teve em *Amauta* seu momento mais significativo: a difusão cultural, crítica e atualização bibliográfica, análise dos problemas peruanos de uma perspectiva nacional, educação ideológica e articulação entre vanguarda e o ser social. Ele é um dos principais responsáveis pela difusão e visibilidade que adquiriram esse retrato das peculiaridades da periferia do capitalismo e do cosmopolitismo-ocidental. (RUBBO, 2018, p.117)

É nessa direção que Jorge Schwarz (2008) afirma que diferentemente de outras revistas, a *Amauta* está estreitamente ligada à personalidade de seu criador. A revista se torna um espaço para divulgação da luta anti-imperialista, do indigenismo revolucionário, das novas tendências estéticas nas artes, tornando-se um rico espaço de debate no cenário peruano e latino-americano.

A análise da apresentação da *Revista Amauta*, contida em seu primeiro número, lançado em setembro de 1926, é crucial para entendermos a tônica que ditaria os rumos dos conteúdos presentes em todas as edições. Mariátegui, na apresentação, deixa claro que a *Amauta* não representa simplesmente um grupo:

Representa, más bien, un movimiento, un espíritu. En el Perú se siente desde hace algún tiempo una corriente, cada día más vigorosa y definida, de renovación. A los fautores de esta renovación se les llama vanguardistas, socialistas, revolucionarios etc. La historia no los há bautizado definitivamente todavía. Existen entre ellos algunas discrepâncias formales, algunas diferencias psicológicas. Pero por encima de lo que los diferencia, todos estos espíritus ponen lo que los aproxima y mancomuna: su voluntad de crear un Perú nuevo dentro del mundo nuevo. La inteligencia, la coordinación de los más volitivos de estos elementos, progresan gradualmente. El movimiento – intelectual y espiritual – adquiere poco a poco organicidad. Con la aparición de “Amauta” entra en una fase de definición. (Editorial, AMAUTA, ano I, nº1, setembro de 1926, p.1)

As primeiras linhas da apresentação deixam clara a intenção de Mariátegui inserir o Peru em uma outra modernidade, de gerar um Peru novo. O autor reconhece que o processo de construção desse movimento implica na reunião de intelectuais com propostas discrepantes entre si, mas que, apesar das diferenças, tem em comum o desejo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de pensar em outro presente. Durante este processo, “‘Amauta’ criará a los hombres de la vanguardia – militantes y simpatizantes – hasta separar la paja del grano. Producirá o precipitará un fenómeno de polarización y concentración.” (Idem).

Fica evidente, dessa maneira, a orientação de seguir a política de *Frente Única* como mecanismo que direciona tendências dispersas no pensamento desses intelectuais para um denominador comum (ESCORSIM, 2006). É necessário, portanto, o conflito, o debate, a contradição. Esse processo, que ‘separara o joio do trigo’, reconhece que nem todas as ideias e personagens possuíam espaço dentro da Revista.

Amauta tem como particularidade, assim, o seu caráter polêmico, renovador, que, através de um processo de intensos debates, possibilitaria estabelecer novos parâmetros para conhecer a história peruana não só em suas particularidades, mas também em suas conexões exteriores. É nesse sentido que Jorge Schwarz afirma, sobre a *Amauta*, que “o ‘novo’, valor muito caro à vanguarda, renasce politizado e ancorado ao contexto internacional” (2008, p.323).

Embora a *Revista Amauta* tenha se tornado espaço de confluência de diversos intelectuais que versavam sobre diversos temas, o indigenismo foi um tema que perpassou todos os números. Ou seja, a análise dessa temática se destaca enquanto categoria abstraída da análise de imanência, o que pressupõe, também, confrontar tal recorrência com a posição relativa do assunto em suas circunstâncias históricas e conjunturais. Neste sentido, observamos que o indigenismo construído nas páginas de *Amauta* não se limitou encarar o indígena com um olhar paterno, extrapolando as denúncias e enfatizando o debate e o combate sociopolítico cultural. Seus intelectuais buscaram, seja através de narrativas literárias, artigos acadêmicos, construir uma nova compreensão da questão indígena. Uma compreensão que colocasse esta questão como central para transformar a realidade peruana e que desse o devido protagonismo a esses sujeitos, não os tratando como passivos diante das circunstâncias históricas que os cercam. Apesar dessa perspectiva, não abandonaram as demandas imediatas das populações indígenas, mantendo, internamente à revista, um *Boletín* que publicava os casos denunciados por essas comunidades.

A “questão indígena” foi, assim, uma questão que mobilizou a intelectualidade peruana nos anos de 1920. De acordo com Beigel (2001), “hasta las revistas más

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

artepuristas proclamaban su adhesión al inkaísmo e identificaban ‘lo andino’ como la ‘nueva sensibilidad’ que recorría las venas de la cultura peruana” (2001, p.40). O surgimento, no entanto, da corrente ‘revolucionária’ do indigenismo, causa uma inflexão nesses intelectuais, uma vez que a idealização romântica do passado indígena é abandonada. Esses intelectuais recuperavam a prédica de González Prada de que a questão indígena era uma questão social e não simplesmente filantrópica.

Fernanda Beigel (2001) afirma que o projeto de Mariátegui tinha como objetivo articular duas dimensões: a dimensão cultural e a dimensão política. A dimensão cultural dizia respeito justamente à herança andina, uma vez que a população indígena se convertia em um sujeito central nesse seu projeto de revolução. A dimensão política, por sua vez, era a incorporação do pensamento socialista como via prática e teórica para realização do seu projeto. Conforme Beigel:

Lo que Mariátegui llamó de ‘indigenismo revolucionario’ fue el resultado del cruce entre ambas dimensiones del problema del indio, y puede considerarse expresión del estadio programático alcanzado por la generación de Amauta en la segunda mitad de la década del veinte. (2001, p.43-4)

O projeto de Mariátegui sustenta a criação do socialismo indo-americano que busca articular, dialeticamente, as dimensões políticas e culturais que ele enxerga na questão indígena. Esse projeto passa, assim, pela ideia de peruanidade e tradição articulada com a modernidade socialista. É importante resgatar que para Mariátegui havia uma distinção clara entre tradição e tradicionalismo, uma vez que para ele, a tradição é viva, móvel e cotidiana, enquanto o tradicionalismo é justamente o enrijecimento de aspectos dessa tradição. Mariátegui, ao articular essas questões percebia que, na realidade, “el conflicto real no era [...] el que se constituía entre la revolucion y la tradición, sino aquel hiato que separaba el programa revolucionario del tradicionalismo conservador” (2001, p.46) A tradição, como entidade viva e móvel, não deveria ser negada: “y esto porque la revolución estaba contenida [...] en la tradición de todos los pueblos. Fuera de la tradición – y de la historia – no estaba sino la utopía” (Idem).

O indigenismo revolucionário pode ser compreendido, acompanhando Beigel (2001), como “la expresión ideológica de la aleación entre un programa político socialista y el ‘vanguardismo indigenista’” (p.47). A autora adverte, porém, que não foi uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conexão simples, mas uma reformulação do indigenismo que desembocou em um projeto estético político e que se expressa nas páginas da *Revista Amauta*.

CONCLUSÃO

A *Revista Amauta*, portanto, surge em um contexto de amplas transformações na sociedade peruana. Esse contexto é marcado pela agudização das contradições sociais, devido às políticas que agravavam a situação de dependência da economia peruana e, também, pela efervescência da atividade periodista e cultural. José Carlos Mariátegui, atuando neste contexto, cria, em 1926, a *Amauta*. Em suas páginas, observamos a articulação do indigenismo com o socialismo. Apesar da diversidade de autores que faziam presença em suas páginas, o indigenismo não foi encarado em sua dimensão meramente paternalista. Há uma luta por um *indigenismo revolucionário*, conforme os próprios expoentes denominaram, que encaram a questão indígena como uma questão *social*. Abordamos, no entanto, neste artigo, apenas as conclusões iniciais da pesquisa, pois, ela encontra-se em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

FONTES

Revista Amauta (1926-1930). Lima: Imprenta y Editorial Minerva. Edição digital disponível em: https://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/toc/812949153/0/LOG_0000/. Acesso: 26/05/2019 às 19:33.

Archivo José Carlos Mariátegui. Lima, Peru (archivo.mariategui.org)

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Jórisa D., CARVALHO, Soraia de. Mariátegui e as táticas de frente única. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, vol.17 n.30, p.108-122, jan./jun. 2013.

ALCIBÍADES, Mirlla. Mariátegui, Amauta y la vanguardia literaria. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima-Berkeley, Ano 8, No. 15, 1982.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ALFAGEME, Augusta. Imperialismo y problema nacional: a proposito de algunas tesis de Anibal Quijano. **Revista de la Universidad Católica**, n. 51, ago., 1979, pp.147-159.

ARGUEDAS, José María. El indigenismo en el Perú. El indigenismo en el Perú. **Tlatoani**, v.18, 1967.

_____. **El Zorro de Arriba y el Zorro de Abajo**. Lima: Editorial Horizonte, 1983

ARGUEDAS, José María; RAMA, Ángel. Formación de una cultura nacional indoamericana. México: Siglo XXI editores, 1975.

ARICÓ, José (Org.). **Mariátegui y los orígenes del marxismo latino americano**. – 2ªed. – México : Ediciones Pasado y Presente, 1980.

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In.: HOBBSAWM, Eric (Org.). **História do marxismo v.VIII**. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BEIGEL, Fernanda. Mariátegui y las antinomias del indigenismo. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 6, n.13, p.36-57, jun. 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27901303>. Acesso em: 17 jun. 2021.

_____. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, ano. 8, n.20, p.105-115, 2003.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Trad. Org. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BERDICHEWSKY, Bernardo. Del indigenismo a la indianidad y el surgimiento de una ideología indígena en Andinoamérica. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, v.12, n.24, p.25-43, 1987.

BOLFARINI, Bruno Batista. Usos políticos do passado na construção nacional peruana o lugar do indígena no projeto nacionalista de José Carlos Mariátegui. **Revista Simbiótica**, Vitória - ES, v. 3, n. 2, jul.-dez., 2016.

_____. **Nacionalismo e indigenismo em José Carlos Mariátegui: uma ponte entre a tradição e a modernidade**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2017.

BURGA, Manuel. **La historia y los historiadores em Peru**. Lima: Fondo Editorial Universidad Nacional Mayor de San Marcos; Fondo Editorial Universidad Inca Garcilaso de la Vega, 2005.

CASTILHO, Denis. Os sentidos da modernização. **Boletim Goiano de Geografia. Goiânia**, v. 30, n. 2, p. 125-140, jul./dez. 2011.

CASTRILLÓN, A. Iconografía de la Revista Amauta Crítica y gusto en José Carlos Mariátegui. **Illapa Mana Tukukuq**, n. 3, p. 35 - 44, 10 nov. 2017.

CATANELI, Pedro Francisco. **Manuel González Prada (1844-1918): História, debate e pensamento**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, 2009.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CAVIERES, Claudio A. B. Amauta y el indigenismo: Polémica y vanguardia en el Perú de comienzos del siglo XX. **Cátedra Mariátegui**. Lima, Año VI, No. 33, jan./fev. 2017.

CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. José Carlos Mariátegui y la polémica del indigenismo. **América sin nombre**, n.13-14, p.103-112, 2009.

CONTRERAS, Carlos. **Teoría de la dependencia en la historia económica sobre la República**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Departamento de Economía, CISEPA; 2003.

_____. **El aprendizaje del capitalismo: estudios de historia económica y social en el Perú**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2004.

_____. **Historia del Perú contemporáneo. Desde las luchas por la independencia hasta el presente**. – 5ª ed. – Lima, IEP; PUCP; Universidad del Pacífico. CIUP, 2013.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos PósGraduados de História. v. 35, dez. 2009.

CORTÉS, Luis Veres. **La narrativa indigenista de Amauta**. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola) – Faculdade de Filologia, Universidade de Valência. Valência, 2000.

COTLER, Julio. **Clases, Estado y Nación en Perú**. Trad. Sérgio Bath – Brasília: Funag, 2006.

CUÉNOT, Alain. Clarté (1919-1928): du refus de la guerre à la révolution. **Cahiers d'histoire - Revue d'histoire critique**, n.123, 2014, 115-136.

DEMIER, Felipe. A lei do desenvolvimento desigual e combinado de León Trotsky e a intelectualidade brasileira. **Revista Outubro**, ed. 16, fevereiro de 2007.

DOMINGOS, Maria Helena. **Revista Amauta - Intelectuais, redes e militância política**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

ESCAJADILLO, T. G. El relato indigenista en las paginas de 'Amauta'. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Peru, n.49, p.177-198, 1999.

ESCORSIM, Leila. **Mariátegui: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FIGUEROA, Noelia. José Carlos Mariátegui e Walter Benjamin: gestos para refundar uma teoria crítica subalterna. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, vol.17 n.30, p.123-135, jan./jun. 2013.

FLORES GALINDO, Alberto. **Buscando um Inca. Identidad y Utopía en los Andes**. Lima: Editorial Horizonte, 1994.

_____. **La agonía de Mariátegui**. Lima: Fondo Editorial Casa de las Américas; PUC-PE Fondo Editorial, 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FONTES, Yuri Martins. **Marx na América: a práxis de Caio Prado e Mariátegui**. – 1ª ed. – São Paulo: Alameda, 2018.

FUNES, Patricia. "Salvar al Perú": la reflexión sobre la Nación en el Perú de la década de 1920. **Revista de Historia**., n. 4, p. 119-147, dec. 2014. ISSN 2591-3190. Disponível em: <http://revele.uncoma.edu.ar/htdoc/revele/index.php/historia/article/view/846/868>. Data de acesso: 01 jun. 2021

GLADE, William. A América Latina e a economia internacional, 1870-1914. In.: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: de 1870 a 1930, volume V**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013

GONZALES, Osmar. Indigenismo, Nación y Política. Perú, 1904-1930. **Revista Intellectus**, ano 7, n.1, 2008.

HAVENS, A. Eugene; LASTARRIA CORNHIEL, Susana; OTERO, Gerardo. Class struggle and the agrarian reform process. In.: BOOTH, David; SORJ, Bernardo. **Military reformism and social classes: The peruvian experience**. New York: St. Martin's Press, 1983.

HAYA DE LA TORRE, Victor Raúl. **El anti imperialismo y el APRA**. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2010

IGLESIAS, Daniel. Nacionalismo y utilización política del pasado la historia nacional desde la perspectiva de la revista Amauta (1926-1930). **Revista Histórica**, Peru, vol.30 n.2, 2006.

KAYSEL, André. **Dois encontros entre o marxismo e a América Latina**. – São Paulo: Hucitec : Anpocs : Fapesp, 2012.

KLARÉN, Peter. As origens do Peru moderno, 1880-1930. In.: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: de 1870 a 1930, volume V**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **Nación y sociedad en la historia del Perú**. Lima: IEP, 2004.

_____. The social and economic consequences of modernization in the Peruvian sugar industry, 1870-1930. In.: DUNCAN, Kenneth; RUTLEDGE, Ian; HARDING, Colin (Orgs.). **Land and Labour in Latin America - Essays on the Development of Agrarian Capitalism in the nineteenth and XX century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

KOLING, Paulo José. Teorias da dependência: abordagens sobre o desenvolvimento latino-americano. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 11, núm. 1-2, , pp. 137-165 Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil. 2007

LEAL, Petra-Iraides Cruz. José Carlos Mariátegui: defensa indígena y avances de vanguardia. **Tebeto**, Anuario del Archivo Histórico de Ferteventura, núm. XI (1998): 443-454. ISSN: 1134-430-X.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. Hacia el vanguardismo peruano: Prehistoria y perfil de "Amauta". **Revista Hispamérica**, Año 23, No. 68 (Aug., 1994), pp. 21-48.

LEIBNER, Gerardo. Indigenismo, autoridad intelectual y jerarquías sociales: dos reportajes a un indio en Amauta. **Histórica**, v. 27, n. 2, p. 467-483, 9 mar. 2003

LENCI, Yazmín López. La creación de la nación peruana en las revistas culturales de Cusco (1910-1930). **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v.70, n. 208-209, p.697-720, jun./dez. 2004. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5505/5656>. Acesso em: 17 jun. 2021.

_____. Las Vanguardias peruanas: la reconstrucción de continuidades culturales. **Revista de Crítica Literaria latinoamericana**, ano. 31, n.62, p.143-161, 2005.

LÖWY, Michael. Introdução: pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: LÖWY, Michael (org.). **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016.

_____. José Carlos Mariátegui e o surrealismo. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, vol.17 n.30, p.76-81, jan./jun. 2013.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. – 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do ser social -I**. Trad. Calor Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo, Boitempo, 2012.

_____. **Para uma Ontologia do ser social -II**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo, Boitempo, 2013.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo, Boitempo, 2010.

MACERA, Pablo. Feudalismo colonial americano - el caso de las haciendas peruanas. **Revista Acta Histórica**, n.35 (janeiro), p.3-43, 1971.

MALLON, Florencia E. **Peasant and Nation: The making of Postcolonial Mexico and Peru**. Los Angeles: University of California Press, 1995.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. Trad. Felipe José Lindoso. São Paulo: Expressão Popular: Clacso, 2010.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **História**, Franca, v. 22, n. 1, p. 59-79, 2003.

MATOS MAR, José. **Hacienda, comunidad y campesinado en el Perú**. – 2ª ed. – Lima: IEP, 1976.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo, Boitempo, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- MÉNDEZ G., Cecilia. MOYA, Carla Granados. Las guerras olvidadas del Perú: formación del estado e imaginario nacional. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 20, n. 42, p. 57-71, jun. 2012
- MELIS, Antonio. Mariátegui, primer marxista de América. In.: **Cuadernos de Cultura Latinoamericana**, n.95, México: UNAM, 1979.
- MELO, Siydnei. Periodismo, mística e política: José Carlos Mariátegui entre 1914 e 1919. **Revista Crítica Marxista**. São Paulo, vol.49, 2019.
- MENDOZA VIDAL, J. Cuatro momentos económicos en la historia del Perú Republicano. **Pensamiento Crítico**, v. 22, n. 2, p. 229-244, 21 fev. 2018.
- MORÁN, Daniel. “La prensa y el discurso político en la historia peruana algunas consideraciones teóricas y metodológicas”. In: **Investigaciones sociales**. Año XII N° 20, pp. 229-248, Lima, 2008.
- NEIVA, Ruth Cavalcante. Integrar segregando: os limites do discurso de José de la Riva-Agüero em relação a incorporação da população indígena à nacionalidade peruana. **Revista Ágora**, Espírito Santo, n. 29, p. 10–27, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/25087>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- ORTIZ, Elmer Robles. El indigenismo de Luis E. Valcárcel. **Pueblo Continente**, v.27, n.1, 2016.
- PERICÁS, Luis Bernardo. José Carlos Mariátegui e o Comintern. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n.25/26, 2011, p.176-190.
- PORCILE, Gabriel. Heterogeneidade estrutural: conceito e evidências na América Latina. **Revista Economia & Tecnologia**, v. 6, n. 2, junho de 2010.
- PRADO, Maria Ligia.; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2018.
- QUIJANO, Aníbal. **Modernidad, Identidad y Utopía en América Latina**. Lima: Sociedad y Política Ediciones, 1988.
- _____. José Carlos Mariátegui: reencuentro y debate. Prólogo a 7 ensayos de interpretación de la realidad peruana. In.: **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- QUIROZ, Alfonso W. **Historia de la corrupción en el Perú** (2013), Lima, IEP; Instituto de Defensa Legal, cap. L La modernización y sus secuaces, 1884-1930
- RAGO FILHO, Antonio. Lukács e a crítica marxista do irracionalismo na via prussiana de objetivação do capital e na fase do imperialismo alemão. In.: DEL ROIO, Marcos (Org.). **György Lukács e a emancipação humana**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- RÉNIQUE, José Luis. **A Revolução Peruana**. Trad. Magda Lopes. – São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ROCCA, Pablo. Por que, para que uma revista. **Boletim de Pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 7, n. 10, p.1-22, 2007.

RUBBO, Deni Ireneu Alfaro. **O labirinto periférico: José Carlos Mariátegui e a sociologia crítica latino-americana**. Tese (Doutorado) FFLCH – USP. São Paulo, 2018.

RUIZ, Ignacio Díaz. “Amauta: originalidad de una vanguardia”. **Anuario del Colegio de Estudios Latinoamericanos**. 2008-2009 (2011) : 129-135.

SALDANHA, Ana Maria Simão. **Representações literárias da questão agrária na primeira metade do século XX: estudo comparativo Brasil – Portugal**. – 1ª ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2018.

SCHEBEN, Helmut. Indigenismo y modernismo. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, ano 5, n.10, p.115-128, 1979.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas Latino-americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos**. – 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Erick Vargas da. **Marxismo, Eurocentrismo e América Latina - uma análise a partir da obra de José Carlos Mariátegui**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Henrique Guimarães. **Redes intelectuais e revistas culturais: AMAUTA e a América Latina**. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. São Paulo, 2016.

SOUZA, Ronaldo Tadeu de. O Problema da Ação Política no Pensamento Social de Mariátegui (a Experiência da Revista Amauta). **Revista REBELA**, Florianópolis - SC, v.5, n.3. set./dez. 2015.

SOUZA, Tito Eugênio Santos. Manuel González Prada e o surgimento de uma “nova consciência” do Peru. **Caderno de Letras**, Pelotas, n.25, p.125-140, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7343>. Acesso em: 15 jun. 2021.

TERÁN, Oscar. Amauta: vanguardia y revolución. **Prismas: Revista de Historia Intelectual**, Buenos Aires, vol. 12, num. 2, p.177, dez. 2008.

TAURO, Alberto (1960). **Amauta y su influencia**. – 3ª ed. – Lima: Empresa Editora Amauta, 1974.

TERRONES, Ana Torres. **El archivo de la revista Amauta y el inicio de la producción editorial de vanguardia en el Perú**. In.: Conference: II Jornadas sobre la historia de las políticas editoriales en Argentina e Iberoamérica, Buenos Aires, Biblioteca Nacional, 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa, vol.1: a árvore da liberdade**. Trad. Denise Bottmann. 9. Ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

THORP, Rosemary; BERTRAM, Geoffrey. **Peru 1890-1977: Growth and policy in an open economy**. Londres: The MacMillan Press LTD, 1978.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VILLANUEVA CCAHUANA, Philarine Stefany. Entre palabras, imágenes e indigenismos: estudio comparativo entre Amauta y Boletín Titikaka. **Letras**, Lima, v.89, n.129, p.154-171, jan. 2018.